

P O E S I A

P E D R O G A R C I A

porque a poesia é o dom do espanto amo
as palavras
me enamoro delas antes de saber o que
enunciam

as frases são um mal necessário
enfileiradas em busca de significado –

não as amo

já as palavras
orgulhosas de ser
fixadas em paredes
mictórios
bares
luminosas ou mal reproduzidas em
grafites de vida curta
piscam para mim seus olhos cúmplices

* * *

VERDE

verde não consta do dicionário
consta na natureza diz o dicionário
nas folhas
naquilo que teu olho aponta
e não consegue capturar
costurar em letras
etiquetar como se etiqueta
um quadrilátero

* * *

Confessa palavras teus segredos. Não os
mais íntimos:
os corriqueiros. Os do dia a dia. Confessa
de forma não
envergonhada. Diz o que não dizes a nós
mortais, mas
confabulas com iguais palavras.

Liberta-te de nós com plenitude para que
o ser apareça
na sua expressão nua, enfim plena,
despida de adereços,
em pleno banho.

As berinjelas estão alinhadas. Prontas para o consumo?
Não. Estão simplesmente alinhadas na cor que as particulariza.

Observo a passividade delas à mesa da cozinha. Não resistirão à faca nem ao forno. E, no entanto, curioso!, não sofrem. Aguardam sem ar de estoicismo o que as espera. E proliferam.

Amo as berinjelas porque enfrentam o corte a chama sem heroísmo.

MAREZIA

As ondas escrevem com minúsculas impedindo a progressão dos pássaros. Leves, elas acariciam o mar e seguem.

Hoje é um dia pleno: nada habita a serenidade estanque. Estamos sós no silêncio que se anuncia e cala: nada sabemos (a contemplação nos nutre).

Estáticos como as pedras (mas conscientes dos movimentos), aguardamos.

A METAFÍSICA (EM SENTIDO AMPLO)

Quando preciso colocar para fora os meus demônios,
corro!
Não para fugir deles (que estão sempre comigo),
mas para distraí-los.

O INTERIOR DA MULHER AMADA

Estás de corpo inteiro:
as temporais, as faciais e as belas carótidas

Logo a seguir, como num desfile
infundável de belezas,
a jugular conduzida pelo tronco venoso

Longo silêncio, um intervalo, um riso
distante:
cheia de bobinas coloridas a aorta
abdominal

Tudo funciona enquanto falas, enquanto
Callas canta,
e eu te fito com este olhar detido
meticuloso
medroso de nada perder
Estás esplêndida nesta foto
com as cubitais radiais a todo vapor
Ilíacas primitivas no recôndito poema
homérico me
recordas com as safenas intactas como na
primeira vez
em que tudo se escondia nas abertas
cavernas ovarianas

Como saciar este touro faminto de
nuvens? Como
alimentar este touro carente de cosmo?
Como saciar
esta fome? Esta infinita carência?

Profundo vácuo, vazio que cava a si
mesmo sem amparo.

Não grito: sangue. Nada a estancar:
apenas este fluir de
véus. E são os véus que me alimentam.

Pare de lacrimejar – sussurra o anjo
feminino.

Paro engolindo fel em desesperança.

* * *

Pedro Garcia é formado em filosofia com doutorado em antropologia pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, é professor e coordenador adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Antes de ter fixado residência no Rio de Janeiro, onde vive atualmente, morou em Florianópolis até os 19 anos. Extrai desta ilha a poética que habita a maioria de seus poemas, como se pode constatar em Y (poemas), livro do qual foram extraídos os poemas que foram selecionados para esta publicação.